

A CASA NA ORIGEM DA QUESTÃO: ENSAIANDO UM PERCURSO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO¹

THE HOUSE AT THE ORIGIN OF THE QUESTION: ATTEMPTING A PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC JOURNEY

Gustavo Silvano BATISTA

Professor Associado do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal do Piauí - UFPI.
E-mail: gustavosilvano@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente artigo pretende discutir a noção de casa, tal como foi tomada pela fenomenologia e pela hermenêutica filosófica, especialmente no debate sobre a atitude de retorno às questões fundamentais. O percurso inicia discutindo observações sobre a casa no projeto fenomenológico de Husserl, passando pelos desdobramentos posteriores realizados por Heidegger, Gadamer e Lévinas. Buscamos assim apontar a relação entre casa e alteridade no horizonte da fenomenologia. Nesta perspectiva, analisaremos a relevância das considerações sobre a noção de casa no horizonte da tarefa atual do pensamento, enquanto um âmbito de relação com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Casa. Fenomenologia. Morada. Hermenêutica. Habitar. Alteridade.

ABSTRACT

This article intends to discuss the notion of the house, such was taken by phenomenology and philosophical hermeneutics, especially in the debate about the attitude of returning to fundamental questions. The journey begins by discussing observations about the house in Husserl's phenomenological project, passing through the later developments carried out by Heidegger, Gadamer and Lévinas. In this sense, we seek to point out the relationship between house and otherness in the horizon of phenomenology. In this perspective, we will analyze the relevance of considerations about the notion of house in the horizon of the current task of thinking, as a sphere of relationship with the other.

KEYWORDS: House. Phenomenology. Dwelling-place. Hermeneutics. Dwelling. Otherness.

¹ Artigo produzido no contexto do Projeto MobEx: “Mobilidades contemporâneas: transformações na experiência de casa e de rua a partir da pandemia” (CNPq n. 407325/2021-2), sediado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

INTRODUÇÃO

A tematização da casa é um dos momentos pontuais que podemos perceber no horizonte dos desdobramentos da fenomenologia, desde a obra de E. Husserl, passando pela filosofia de M. Heidegger, H.-G. Gadamer, E. Lévinas, entre outros autores. Tendo em vista o caráter crítico e revisor invocado pela atitude fenomenológica, herdada das reflexões de Husserl e apropriada posteriormente de diversas formas, a casa aparece como um modelo que indica uma relação fundamental entre o projeto fenomenológico e suas raízes epistemológicas, especialmente em relação à filosofia cartesiana. Tais raízes possibilitam um retorno ainda mais profundo a um sentido pré-teórico que poderíamos avistar ontologicamente. Mas, ao mesmo tempo, os contornos de um encaminhamento ontológico, no sentido de fazer justiça ao caráter metafísico básico da pergunta originária sobre a constituição das coisas em geral, também indica uma forte tentativa de repensar a relação com o outro, enquanto uma alteridade fundamental, elemento também constitutivo da estrutura da casa. Assim, tanto a fenomenologia quanto a ontologia hermenêutica parecem encontrar na casa um ponto de contato interessante para retomar a questão mais própria.

Assim sendo, pensar a casa no sentido da origem é, em grande medida, também considerar uma afinidade na formulação da questão fundamental, que também aparece ao se falar de casa. Em linhas gerais, a casa é vista pela fenomenologia e pela hermenêutica filosófica, como uma forma de relacionar o pensar e a vida, a partir dos espaços tomados como próprios. Uma possível representação das relações originárias de sentidos, próprias dos fenômenos a serem interpretados, se constitui algo como um edifício, tomado primordialmente como morada.

Dito de outra forma, os sentidos próprios da ideia de casa, tal como aparecem em alguns momentos da fenomenologia e da ontologia hermenêutica, possibilitam descrevermos os mais diversos modos de relação do próprio ser humano, situado em algum lugar e momento da história, e o seu entorno e as coisas em geral, ainda que tenhamos uma forte tendência a tratar esta relação de modo abstrato. Tal possibilidade própria da casa, enquanto uma espécie de dispositivo, circunscreve a estrutura da relação entre seres humanos e coisas, elucidando assim um momento reflexivo, remetido à concretude da vida básica e pré-científica, que não poderia ser ignorada.

Deste modo, o presente artigo pretende discutir o caráter fenomenológico-hermenêutico da casa, onde a questão original se coloca, considerando os modos como alguns autores da fenomenologia e da hermenêutica tematizam a casa. Em outras palavras, buscamos fazer algumas observações que indicam o modo como lidar com a casa no âmbito da pergunta filosófica original. Trata-se de percorrer algumas ocorrências sobre a casa outrora pesquisadas, tomadas como manifestações da própria estrutura do

pensamento fenomenológico-hermenêutico. Ou seja, a passagem da questão do conhecimento das coisas à tematização do outro como uma referência fundamental para um pensamento que assume de modo decisivo seu caráter crítico e situado.

Neste sentido, em um primeiro momento, pensar a casa do ponto de vista da fenomenologia e da hermenêutica, é considerá-la como um modelo no qual a estrutura conceitual não pode estar separada de uma experiência vivida, ainda que em algum ambiente tomado como casa. É esse aspecto que percebemos, por exemplo na obra de Jean-Michel Basquiat, de 1982, “Sem título (Casa de Frank Lloyd Wright para seu filho)”, no qual, simultaneamente, o desenho estrutural da casa está referido ao filho para quem a casa foi feita. Dito de outra forma, a estrutura da casa não é pensada sem considerar um outro para quem foi feita a mesma. Ainda que se encontre na representação pictórica da estrutura de uma casa.

Desta forma, trata-se de uma obra que, do ponto de vista fenomenológico-hermenêutico, remete a uma vivência essencial, que passa pela estrutura básica da casa que, simultaneamente, constitui uma casa vivida na referência ao filho. Isto é, a estrutura de sentido aparece como elemento chave do próprio projeto da casa que remete a um outro, para quem a casa é dedicada.

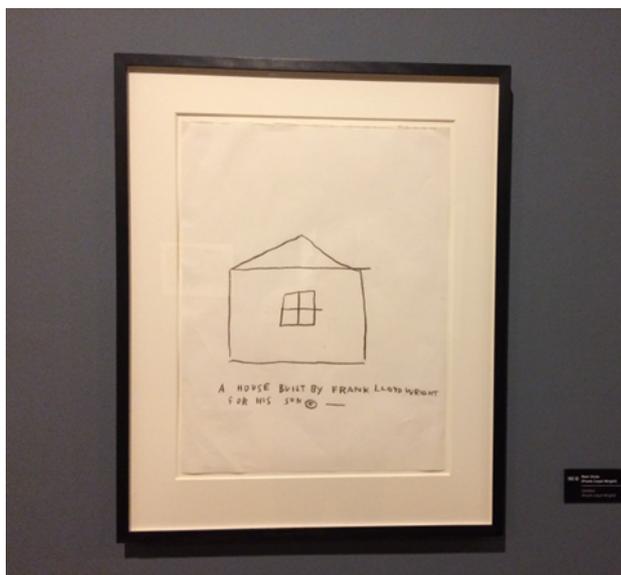


Figura 1. Jean-Michel Basquiat. Sem título (Casa de Frank Lloyd Wright para seu filho), 1982.
Fonte: Acervo de fotos do autor.

A CASA COMO RETORNO “ÀS COISAS MESMAS”

No horizonte da constituição da fenomenologia como uma filosofia essencialmente crítica no voltar-se radical ‘às coisas mesmas’ e suas representações, Husserl recupera a temática da casa, em meio a uma discussão sobre a descrição do processo perceptivo, considerando o modelo de acesso fenomenológico às essências e, por conseguinte, ao sujeito que percebe a própria casa e a constitui um ambiente de relações. Como afirma o próprio Husserl,

A percepção da casa, mesmo quando inibe a atividade da crença perceptiva, é, tomada tal como a vivo, precisamente a percepção desta e justamente desta casa, aparecendo desta e daquela maneira, mostrando-se com precisamente estas determinações, de lado, de perto ou de longe. Do mesmo modo que a recordação, clara ou vaga, é recordação da casa clara ou vagamente representada (HUSSERL, 2018, p. 11).

A casa aparece na passagem supracitada como um objeto que, ao ser percebido, não dá abstratamente. Ao contrário, a casa é tomada em uma espécie de vivência, ou seja, a estrutura é percebida a partir da experiência de uma determinada casa em uma determinada situação. Isto é, como a casa é vivida é, ao mesmo tempo, percebida; ainda que esse processo perceptivo fosse um mero momento de recordação. A passagem também mostra um certo cuidado de Husserl ao tratar da casa. O que nos permite afirmar que uma mera representação da casa não prescinde de uma vivência anterior à representação, indicando um momento mais aprofundado de relação, ainda que não vislumbrasse, pelo menos neste momento, a figura do outro.

Assim, ao considerar o modo como Husserl lida com a casa, no contexto conceitual desta passagem, remeteu-nos a uma aproximação do próprio autor com o cartesianismo. No momento que Husserl diz que a fenomenologia seria uma filosofia ‘neo-cartesiana’ ou ainda uma espécie de cartesianismo no século XX, o filósofo de Freiburg não tem em vista somente a herança conceitual de Descartes.

Ao mesmo tempo que Husserl mostra afinidades entre sua filosofia e o cartesianismo, essas mesmas afinidades afastam a fenomenologia de Descartes. Nesta perspectiva, há três aspectos que consideramos pontos de convergência e divergência entre os autores, a saber:

1. A perspectiva de um novo recomeço para a filosofia, em novas bases, ainda que compreenda a filosofia como teoria do conhecimento. Husserl não se deixa enganar pelos sentidos que nos dá acesso primeiro às coisas, mas compreende esse acesso no contexto da percepção fenomenológica;

2. A revisão da relação entre filosofia e ciência, na qual Husserl, ao contrário de Descartes, compreende a ciência como um edifício marcado por um dogmatismo não muito perceptível ao cartesianismo, que considera básica a relação representativa entre sujeito e objeto; e
3. A necessidade de uma refundação racional da estrutura representativa da ciência pela fenomenologia (tomada como uma filosofia adequada ao momento da crise das ciências), ao contrário do modelo filosófico-científico moderno, no qual a ciência moderna apresenta à filosofia sua estrutura básica.

Os três aspectos elencados acima podem ser ilustrados por uma passagem do Discurso do Método, ao se referir em apenas um momento à metáfora da casa como uma forma de compreender as necessidades teórico-científicas enquanto reformas, demolições, reconstruções e readaptações. Tal figura parece aproximar-se das observações de Husserl, à medida que tal reflexão não ignora o sentido da casa na configuração/reconfiguração das relações epistemológicas entre sujeitos e objetos. Assim, a casa é tomada como um momento reflexivo no qual a vida insurge como um elemento chave para a crítica filosófica, impondo uma atitude reflexiva enquanto demolição e/ou reconstrução, entre destruição e readaptações. Depende, em última instância, da situação na qual se encontra os alicerces. Trata-se de uma possibilidade para a filosofia encontrar caminhos de renovação, tendo em vista os desafios de cada momento da história humana. Diz Descartes:

É verdade que não vemos demolirem-se todas as casas de uma cidade só com o propósito de refazê-las de outra forma e de tornar as ruas mais belas. Mas não é incomum vermos muitos mandarem derrubar as suas para reconstruí-las, e até, por vezes, a isso são obrigados quando correm o risco de cair por si mesmas e os alicerces não estão muito firmes (DESCARTES, 2009, p. 17-18).

Por último, não poderíamos deixar de lembrar que a casa também é tematizada pela sua condição permanente e durável, firmemente alicerçada. Tal alicerce encontra sua afinidade na noção de sujeito, polo racional no qual todos os objetos encontram algum sentido, seja pela representação ou pela descrição fenomenológica. A casa aparece como um símbolo da unidade epistemológica realizada no sujeito conhecedor. Por isso, tanto a representação de um objeto, no caso de Descartes, quanto a descrição de um objeto, no caso de Husserl, encontram na casa bem construída e devidamente alicerçada um modelo que faz justiça à sua natureza ao mesmo tempo teórica e remetida à prática da vida vivida.

HEIDEGGER, GADAMER E LÉVINAS: OS SENTIDOS DA CASA

M. Heidegger, aluno e assistente de E. Husserl, ressignifica o lidar com a casa para além das vivências próprias da filosofia fenomenológica. Ao pensar a vida humana em seu caráter mais básico, ou seja, como um projeto fundamental de superação do pensamento metafísico que servia à ciência e à cultura de sua época, Heidegger oferece-nos o desafio de reconsiderar, pela via do pensamento, a possibilidade de uma existência autêntica. Mas tal existência ainda se encontra vinculada a uma casa. Tal casa configura, junto com a paisagem onde se encontra um lugar primordial no qual a questão do sentido da existência tem um caráter mais genuíno e verdadeiro. Isto porque a vida humana encontra-se marcada por um esquecimento crônico e deliberado de uma diferença, a diferença ontológica, que nos lembra a distinção entre a tomada do sentido enquanto um ente privilegiado, como é o caso da fundamentação no sujeito; e, na perspectiva da diferente, a elucidação dos modos de ser do ser humano, em sua vida fáctica.

Ao remeter-se à efetividade da vida fáctica, Heidegger também se remete à casa como um espaço no qual é possível vislumbrar uma existência pensante. Ao mesmo tempo, o filósofo não localiza sua casa em uma metrópole, como Berlim, por exemplo; mas em uma cabana no sul da Floresta Negra. A vida nesta casa remete a um sentido privilegiado do habitar, que não significa acessar um espaço privado, enquanto um micromundo, mas um espaço aberto, ainda que configurado para uma experiência de vida marcada pelo essencial. Neste sentido, a casa heideggeriana poderia ser pensada como um espaço pleno de sentido, no qual a questão fundamental é devidamente pensada. Heidegger fala de casa; e também da sua própria casa. A cabana é casa. A casa em Freiburg não é lembrada aqui. Heidegger descreve sua casa a partir da paisagem no qual se encontra a mesma:

Na escarpa de um vale ao sul da Floresta Negra, à altitude de 1.150m, está uma pequena cabana de esqui, cuja base mede 6 por 7 metros. O telhado baixo cobre três cômodos: a cozinha, que também é sala de estar, o dormitório e um estúdio. As casas das fazendas, com seus grandes telhados sobressalientes, encontram-se em ampla disposição espalhadas pela base estreita do vale e na encosta oposta, igualmente íngreme. Acima da ladeira, os prados e pastagens levam à floresta com seus pinheiros antigos, altos e escuros. Por cima de tudo isso, um céu claro de verão em cuja vastidão radiante dois falcões deslizam à volta em largos círculos (HEIDEGGER, 2014, p. 276).

Ao mesmo tempo que a descrição da casa-cabana apresenta sua configuração, enquanto casa alicerçada e segura, também remete ao espaço externo à mesma, mostrando como ambas estão naturalmente integradas. Heidegger afasta-se de Husserl, porque não está estritamente interessado nas vivências vinculadas à casa, mas traz-nos o sentido da casa em sua concretude, tornando-a vital e, ao

mesmo tempo, marcada por uma configuração própria. A paisagem onde está localizada possibilita sua aparição enquanto casa-cabana-abrigo e um esconder-se enquanto parte da paisagem.

Nesta perspectiva, o habitar para Heidegger tem um caráter fundamental de abrigo, o que novamente remete à casa enquanto um “estar em casa” ou estar abrigado. Ao mesmo tempo, a cabana é uma edificação-modelo para um tipo de filosofia, fundamentalmente prática, em conexão com um enquadramento próprio da natureza. Mas seria a condição de abrigo da casa condizente ao modo de ser mais próprio da existência humana? Pensar a casa a partir do sentido do habitar não se limita ao construir uma residência simplesmente. Mas está ligado a um sentido do habitar e não ao construir. Mas o que falta ao construir? Configurar-se. Ou seja, alojar-se em uma casa é, em grande medida, fazer dela um lugar, como a cabana-casa da Floresta Negra.

O sentido do habitar, enquanto modo de ser, não se limita ao residir. Mesmo com o abrigo oferecido por edificações residenciais, o desafio do habitar uma casa, tendo como referência a casa-cabana de Todnauberg, é lidar com o sentido que se constitui na relação com a mesma, enquanto um lugar no qual a relação entre habitar e ser não se confunde com um simples residir. Tal como afirma Heidegger,

As construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas de certo modo o homem habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? (HEIDEGGER. 2012, p. 126)

Ao contrário de M. Heidegger, H.-G. Gadamer situa sua reflexão sobre a casa e a possibilidade de habitar no âmbito urbano, recordando a casa onde residia com seus pais durante a infância. Ao recordar o sentido da casa, Gadamer nos fala do piso de madeira parquet da sala de visitas. Em relato publicado, Herzog (2001), arquiteto que entrevistou Gadamer a partir da pergunta sobre arquitetura, diz-nos o seguinte:

Gadamer falou de uma superfície mágica – um piso de madeira maravilhoso, tão bem conservado e polido que todo o espaço era tomado pelo odor da cera. De vez em quando um amigo do seu pai os visitava [...] e, ao adentrar a sala proibida, sempre deixava seu casaco e guarda-chuva, que molhavam o piso mágico. Como criança, Hans-Georg ficava horrorizado com tal gesto do amigo do seu pai. Ele ainda se lembra de modo muito vivo a imagem do piso de madeira polido decorado com as gotas de água do guarda-chuva encharcado (HERZOG, 2001, p. 115).

Gadamer relata, a partir da lembrança do piso de madeira encerado, um modo de habitar sua residência; ou seja, um sentido de casa percebido a partir do piso no qual pisavam os amigos. Mesmo referindo-se ao chão da sala, que poderíamos compreender como um espaço comum de encontros, não

se trata de qualquer sala. É o lugar onde se encontram amigos ou familiares, reunidos em torno de uma mesa, que nos remete a algo em comum. Mas ainda assim, é o piso que sustenta o encontro com os outros; é o piso que sustenta o habitar. Trata-se de um lugar-habitado onde se recebe o outro, enquanto uma abertura ao outro que vem ao encontro.

Enquanto Heidegger nos remete à cabana na Floresta Negra, Gadamer fala-nos de uma sala de estar em uma casa de família. Onde a chuva escorre do guarda-chuva, marcando o piso muito bem encerado, alicerces que possibilita o encontro com o outro. Lévinas também nos fala de casa enquanto morada. Heidegger preocupa-se com a condição própria do modo de ser do homem em seu sentido mais básico. Gadamer e Lévinas, cada um à sua maneira, compreendem a herança heideggeriana da casa enquanto uma abertura fundamental e constitutiva que não poderia desconsiderar o outro. Ou seja, o recolhimento na cabana, tão caro ao Heidegger, também precisa ser pensado enquanto um momento de relação com o outro, ainda que esse outro interrompa a serenidade do local.

Assim como Gadamer, E. Lévinas recorda-nos a casa e seu sentido ético genuíno enquanto morada, ou seja, lugar do encontro com o outro enquanto outro. É neste sentido que a casa é abrigo não só de um mesmo eu, mas também de outros. Ao tempo que Gadamer faz referência ao outro quando o mesmo, com sua presença festiva, deixa suas marcas no piso da sala de jantar, Lévinas refere-se ao outro como uma presença fundamental para a compreensão da casa enquanto morada, ainda que a mesma esteja construída em conjuntos habitacionais planejados. Como nos lembra Lévinas (2008, p. 148), “[...] Morar não é precisamente o simples fato da realidade anônima de um ser lançado na existência como uma pedra que se atira para trás de si. É um recolhimento, uma vinda a si, uma retirada para sua casa como para uma terra de asilo, que responde a uma hospitalidade, a uma expectativa.”

Lévinas indica o sentido da casa como fundamentalmente ético, pois nos fala de uma condição própria de recolhimento, mas, ao contrário de Heidegger, indica um retorno a si que, ao mesmo tempo, responde ao outro. O habitar encontra-se aqui comprometido com a transformação da casa em um ambiente de hospitalidade e de abrigo do outro e de si. Este, em última instância, constitui o próprio morar, enquanto condição básica de ser. Como diz Lévinas, “a casa não enraíza o ser separado num terreno para o deixar em comunicação vegetal com os elementos. Situa-se recuada mente em relação ao anonimato da terra, do ar, da luz, da floresta, do caminho, do mar, do rio. ‘Tem casa sua’, mas também o seu segredo.” (LÉVINAS, 2008, p. 149)

Ainda que a casa enquanto morada seja um espaço profundamente ético e situado, a casa não é uma expressão de enraizamento, mas de encontro. Pois tanto o habitar quanto o construir são passageiros. Por isso, a ênfase no outro significa uma condição fundamental para a constituição da morada. Ainda que o enraizamento previsto por Heidegger na cabana não constitua, na perspectiva de

Lévinas, uma morada. Pois a morada é um gesto ético que se concretiza na experiência da exterioridade do encontro com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa deste percurso fenomenológico-hermenêutico insiste na afinidade entre os autores a partir dos sentidos da casa, ainda que diversamente vinculada a seus projetos de pensamentos. Deste modo, buscamos afirmar a relevância da noção de casa na fenomenologia, mesmo que seja uma herança cartesiana, que passa de uma reflexão sobre os modos de conhecimento e suas fundamentações, por uma ontologia que se pergunta pelo próprio modo de ser do ser humano e suas relações com a casa, chegando a uma ética na qual a casa é morada, porque é o espaço ético que configura diversas relações humanas com os outros.

Neste sentido, a casa como questão ética pode contribuir para repensarmos os sentidos atuais do habitar. À medida que ao falar de casa significa lidar principalmente com políticas habitacionais, projetos imobiliários, falta de habitações, habitações precárias, a construção e reformas de casas, entre outros problemas, não poderíamos deixar de apontar um caráter básico do sentido da casa, ou seja, sua condição fundamentalmente ética de abrigo e espaço de encontro para si e para os outros, não ignorando o sentido de morada, enquanto o mais primordial para a vida em comunidade.

Por fim, afirmar a casa como morada é não perder de vista o percurso fenomenológico no qual a própria morada não é apenas construção, mas é habitação, lugar onde os sujeitos interagem com os outros, vivem suas vidas e projetam seus futuros. Mas poderíamos ainda insistir nas moradas como unidades de habitação fundamentais às cidades que vivemos e os desafios contemporâneos que as marcam?

REFERÊNCIAS

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Ed. 70, 2008.

HEIDEGGER, M. *Ensaíos e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. Paisagem Criativa: Por Que Permanecemos Na Província? De Martin Heidegger. *Ideias*, v. 5, n. 2, p. 275-280, 2014.

A CASA NA ORIGEM DA QUESTÃO: ENSAIANDO UM PERCURSO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO.
eK23021

HERZOG, Jacques. Thinking of Gadamer's floor. In: DAVIDSON, Cynthia C. (ed.). *Anything*. New York: Anyone Corporation; Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 114-119.

HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Lisboa: Ed. 70, 2018.



BATISTA, Gustavo S. A CASA NA ORIGEM DA QUESTÃO: ENSAIANDO UM PERCURSO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23021, p. 01-10.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023